

Moreira Cunha, Robson; Lemos Soares, Elisa; Navarro Fontanillas, Carlos
AS VANTAGENS DE APRENDIZADO DO EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO
DESDE O ENSINO DE BASE ATÉ O SUPERIOR
Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, vol. 3, núm. 3, septiembre-
diciembre, 2009, pp. 62-73
Universidade Federal Fluminense
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=441742837004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



AS VANTAGENS DE APRENDIZADO DO EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO DESDE O ENSINO DE BASE ATÉ O SUPERIOR

ADVANTAGES OF LEARNING OF ENTREPRENEURSHIP: A STUDY
FROM THE ELEMENTARY SCHOOL TO THE UNIVERSITY

Robson Moreira Cunha

robsonmoreiracunha@gmail.com

Elisa Lemos Soares

Elisa_lemos@hotmail.com

Carlos Navarro Fontanillas

navarro@pep.ufrj.br

RESUMO

O presente trabalho objetiva estimular a necessidade do ensino de empreendedorismo em sua abrangência e relevância a partir dos primeiros anos educacionais, ou seja, desde a infância até a vida adulta, presente em todos os cursos das universidades. Enfatiza-se esta necessidade através do entendimento de que características e competência peculiares aos empreendedores são importantes a todos, independente da área de atuação profissional ou mesmo não profissional. Não obstante o contexto atual exige pessoas capazes de uma visão de futuro, de lutar para realizá-la, capazes de acreditar em si mesmas e ajudar na transformação da sociedade e da cultura. Necessita-se de pessoas que mudem a cultura brasileira, fazendo com que a afirmação de Tom Jobim "No Brasil, sucesso é ofensa pessoal" deixe de ser verdadeira. Dessa maneira busca-se dar ênfase aos motivos pelos quais os empreendedores devam ser considerados como seres sociais tão especiais para o desenvolvimento econômico e social num contexto amplamente globalizado. São também apresentados dados importantes do GEM sobre o desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil. Realça-se a importância de órgãos estimuladores do empreendedorismo e educadores, que ajudam a garantir o sucesso de muitos empreendimentos. Este artigo tem como base autores especializados no tema, empreendedorismo, e que através de seus estudos vêm sustentar esta proposta.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Ensino. Cultura. Desenvolvimento econômico.

ABSTRACT

This paper aims to demonstrate the need of entrepreneurship education in its scope and relevance from the early years education, from childhood to adulthood, and in all courses in universities. It emphasizes this need through the understanding that peculiar skills and characteristics of an entrepreneurs are important to everyone, regardless of area of professional performance or even non-professional performance. Because of the current context it's required from people the capacity of having a vision of the future, being able to fight to realize it, and believing in themselves and, this way, helping in the transformation of society and culture. It needs people who are able to change the Brazilian culture, making the assertion of Tom Jobim "In Brazil, success is personal offense" no longer true. This article intends to highlight the reasons why entrepreneurs should be considered a social beings so special to the economic and social development. It presents statistics from the GEM about the development of entrepreneurship in Brazil. This article also shows it's proud of the institutes that stimulates entrepreneurship and offer education for entrepreneurs, helping them to be successful. This article are based on authors specialized in the subject, entrepreneurship, and their studies support this proposal.

Keywords: Entrepreneurship. Education. Culture. Economic development.

INTRODUÇÃO

O estudo do empreendedorismo vem despertando muito interesse no meio acadêmico atual. Existe uma infinidade de pesquisas relacionadas ao tema, o que nos leva a acreditar na possibilidade deste vir a tornar-se uma teoria recente. Não obstante, não existe uma uniformidade, uma definição internacionalmente aceita para o termo.

O empreendedorismo ainda não é um novo paradigma, embora caminhe para isso. Thomas Kuhn (1998) considera paradigmas como realizações reconhecidas durante algum tempo por uma comunidade científica específica, proporcionando os fundamentos para sua prática posterior. Ou seja, um paradigma é substituído por outro quando não se adéqua mais ao contexto, quando já não mais se identifica com a realidade. Para Kuhn o desenvolvimento da ciência ocorre através de uma substituição de paradigmas, formando uma escala. Cada degrau representaria um novo paradigma, sendo galgado graças ao que foi desenvolvido na escala anterior.

Quanto ao empreendedorismo: “Esse ramo de conhecimento está ainda em fase préparadigmática, já que não existem padrões definidos, princípios gerais ou fundamentos que possam assegurar de maneira cabal o conhecimento” (DOLABELA, 1999).

ANÁLISE HISTÓRICA DO EMPREENDEDORISMO

O primeiro uso do termo empreendedorismo, conforme relatado por Hisrich (2004) pode ser atribuído a Marco Pólo numa tentativa de estabelecer uma rota comercial para o oriente. Como empreendedor, Marco Pólo firmou um contrato com um mercador possuidor de recursos monetários (hoje conhecido como capitalista) para vender suas mercadorias. Entretanto, o contrato da época oferecia um empréstimo para o comerciante aventureiro a uma taxa de 22,5%, incluindo seguro. Quando este era bem-sucedido em seu propósito, e completava a viagem, os lucros eram divididos, cabendo ao capitalista a maior parte (até 75%), enquanto o comerciante aventureiro ficava com os 25% restantes. O capitalista da época era alguém que assumia riscos de forma passiva enquanto o aventureiro empreendedor assumia papel ativo, correndo todos os riscos físicos e emocionais inerentes ao trabalho.

Durante a Idade Média, o termo empreendedor foi utilizado para designar aquele que gerenciava grandes projetos de produção. Todavia este não assumia grandes riscos, apenas gerenciava os projetos através da utilização dos recursos disponíveis, que quase sempre eram oriundos do próprio país.

O termo empreendedor (*entrepreneur*) tem origem francesa e foi cunhado por volta de 1800 pelo economista francês Jean-Baptiste Say, para identificar o indivíduo que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento. (FERREIRA 1997). A primeira relação efetiva entre assumir riscos e empreendedorismo ocorreu somente no século XVII. Estabelecia-se um acordo entre governo e empreendedor para execução de serviço ou fornecimento de um produto. Com preços prefixados, os lucros ou prejuízos provenientes destas transações, eram atribuídos exclusivamente aos empreendedores.

Richard Cantillon, importante escritor e economista do século XVII, foi considerado por muitos como um dos criadores do termo empreendedorismo, tendo sido um dos primeiros a diferenciar o empreendedor – aquele que assumia riscos – do capitalista – aquele que fornecia o capital (DORNELAS, 2001).

No século XVIII, o capitalista e o empreendedor foram finalmente diferenciados, acredita-se que devido ao início da industrialização tal fato tenha ocorrido. Um exemplo foi o caso das pesquisas referentes a eletricidade e à química, de Thomas Edison, que só foram possíveis com o auxílio de investidores que financiaram seus experimentos.

No final do século XIX e início do século XX, os empreendedores foram freqüentemente confundidos com os gerentes ou administradores, sendo analisados meramente de um ponto de vista econômico, como aqueles que organizam a empresa, pagam os empregados, planejam, dirigem e controlam as ações desenvolvidas na organização, mas sempre a serviço do capitalista. (DORNELAS, 2001).

Também no século XX, o termo empreendedor ganhou um novo significado com a publicação de Joseph A. Schumpeter: *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*.

Segundo Schumpeter (apud DEGEN, 1989) “o empreendedor é o responsável pelo processo de destruição criativa, sendo o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente elaborando novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e, implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros”.

Através dessa análise histórica vemos que atitudes empreendedoras e concepções de empreendedorismo são antigas, entretanto houve e ainda há várias interpretações para o tema. Mas aos poucos os conceitos vão se sobrepondo e se fundindo, adquirindo um modelo. Faz-se mister salientar que apesar das nuances entre alguns autores, caminha-se para um entendimento cada vez mais conciso, ou seja, uma visão mais aceita.

É notável que essa transformação não esteja ocorrendo somente na abordagem teórica. A sociedade de modo geral começa a conceber a importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico. Hoje é difícil pensar em uma sociedade sem a figura do empreendedor. São os empreendedores que estão rompendo barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riquezas para a sociedade (CRUZ, 2006).

CONTEXTO BRASILEIRO ACERCA DO EMPREENDEDORISMO

O conceito de empreendedorismo tem sido muito difundido no Brasil, intensificandose na década de 1990. Esse interesse pelo tema teve forte influência da instabilidade econômica da época.

No início dos anos 90, o Brasil, tendo à frente o Governo Fernando Collor de Mello, foi o último país da América Latina a aderir e implementar o projeto político-econômico neoliberal, sistematizado doutrinariamente em 1989, de forma inequívoca, pelo chamado "Consenso de Washington". Com a deposição constitucional desse governo em 1992, e sua substituição pelo Governo Itamar Franco, o ritmo de implantação desse projeto diminuiu durante o período 1993/1994, sendo retomado posteriormente com toda a força, e amplamente executado, pelos dois Governos de Fernando Henrique Cardoso (1995/2002). (FILGUEIRAS, 2006).

Após mais de uma década dessa experiência, os resultados essenciais, com nuances e detalhes secundários, são os mesmos verificados nos demais países do continente, que listamos a seguir:

- a. estabilidade relativa dos preços e baixo crescimento econômico, acompanhados pelo aumento das dívidas externa e interna;
- b. a desnacionalização do aparato produtivo, com transferência de renda do setor público para a setor privado e da órbita produtiva para a órbita financeira;
- c. a elevação das taxas de desemprego e a redução dos rendimentos do trabalho;
- d. aprofundamento dramático da dependência e da vulnerabilidade externa do país;
- e. a ampliação da fragilidade financeira do setor público;
- f. a precarização do mercado de trabalho e a manutenção ou deterioração das condições sociais - pobreza, criminalidade, violência e desigualdade de renda e de riqueza (FILGUEIRAS, 2006).

As empresas de então buscavam a manutenção da competitividade e muitas adotaram a política de redução de custos para enfrentar o momento de crise. "Em 1989, o desemprego total atingia taxa de 8,7%; em 1999 este porcentual já era de 19,9%. Tivemos um salto enorme no desemprego na última década", afirmação da diretora técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Suzanna Sochaczewski.

Ao analisarmos esse cenário brasileiro podemos identificar alguns fatores que contribuíram para o despertar do interesse pelo empreendedorismo e alguns acontecimentos podem funcionar como gatilho para se iniciar um negócio.

Mesmo que o indivíduo esteja diante de uma oportunidade, não há garantias de que ele sairá da intenção para a ação. A decisão do indivíduo de implementar ou não a idéia dependerá do surgimento de um gatilho que acione os planos de criação da empresa (MARIANO 2008).

Um desses gatilhos é o desemprego. Segundo Mariano, surgem as inseguranças naturais sobre a capacidade de a pessoa conseguir um novo emprego. No momento em que elabora alternativas para o seu futuro, a pessoa tem oportunidade de refletir sobre outras alternativas possíveis.

Muitos desempregados utilizaram o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) como investimento inicial em um empreendimento. Contudo a maioria desses novos empreendimentos encontrava-se na economia informal, seja pela falta de crédito, excesso de impostos ou altas taxas de juros.

Esses indivíduos que decidem abrir o próprio negócio por não conseguirem um com carteira assinada são chamados de empreendedores por necessidade. Em contrapartida aqueles que abrem um negócio porque identificam a oportunidade de explorar determinado mercado são chamados de empreendedores por oportunidade.

Os que tentaram um negócio formal, além das dificuldades citadas acima também tiveram que enfrentar a falta de instituições que apoiasssem e orientassem devidamente os micro e pequenos empresários.

Essa falta de capacitação empreendedora foi responsável e ainda é por uma enorme mortalidade de empresas. Os empreendedores de forma geral não estão preparados para empreender, eles possuem um espírito empreendedor, mas muitas vezes não têm uma qualificação que os possibilite além de iniciar um negócio, mantê-lo e fazê-lo prosperar. Há

inúmeras questões que agravam esse problema, como a influencia da cultura e uma visão arcaica da sociedade.

A cultura brasileira apresenta-se dividida em dois níveis, uma arcaica e outra condizente com a realidade e com o tempo. É essa cultura arcaica que se mostra avessa ao empreendedorismo, não vendo de forma positiva aquele que deseja empreender, muitas vezes sendo este considerado como um insano, um desestruturador social, com atitudes e intenções que não condizem com os padrões da nossa sociedade. Não obstante, a doutrina apresentada sinaliza que o empreendedor é aquele que busca sua auto-realização, a realização de um sonho, que almeja fazer a diferença. Essa visão limitada muitas vezes acaba por inibir os empreendedores, influenciando-o a mudar de idéia, ou mesmo desistir. Dessa maneira, muitas vezes boas idéias não são colocadas em prática pelo medo de assumir responsabilidades e de correr os riscos necessários para o possível sucesso, características essas intrínsecas à essa cultura ultrapassada.

Como também afirma Dornelas, um último fator que dependerá apenas dos brasileiros para ser desmistificado é a quebra de um paradigma cultural de não valorização de homens e mulheres de sucesso que têm construído esse país e gerado riquezas, sendo estes potenciais empreendedores, que dificilmente são reconhecidos e admirados. Pelo contrário, muitas vezes são vistos como pessoas de sorte ou que venceram por outros meios alheios à sua competência. Isso deverá levar ainda alguns anos, mas a semente inicial foi plantada. É necessário agora regá-la com zelo, visando à obtenção de um pomar com muitos frutos no futuro.

MUDANÇA DE CENÁRIO

Em 9 de outubro de 1990, o CEBRAE transformou-se em SEBRAE, pelo decreto 99.570, que complementa a Lei 8.029, de 12 de abril. A entidade desvinculou-se da administração pública e transformou-se em uma instituição privada, sem fins lucrativos e de utilidade pública, mantida por repasses das maiores empresas do país, proporcionais ao valor de suas folhas de pagamento.

Nessa segunda fase, o órgão ampliou sua estrutura de atendimento para todos os estados do país, capacitou inúmeras pessoas e ajudou na criação e desenvolvimento de milhares de micro e pequenos negócios por todo o país (SEBRAE, 2008).

Disponibilizando dentre seus serviços o projeto Empretec que representa um papel muito importante no apoio a empreendedores, pois acredita que, “[o] novo empreendedor que surge, deve possuir além do seu espírito empreendedor, a formação necessária para que o seu negócio inicie e continue mediante uma prévia preparação, o aprendizado teórico-prático como instrumento de gestão, com o objetivo de aumentar a probabilidade de o negócio ser bem sucedido”.

A educação passou a ser o determinante fundamental não só para inovação da própria área tecnológica, como também para o futuro das pessoas, propiciando-lhes condições de renovar a si mesmas, de forma a que possam viver e interagir em uma sociedade em constante mudança. Nesse contexto, para garantir a evolução das micro e pequenas empresas, o Sebrae priorizou ações educativas que são desenvolvidas pela Unidade de Educação e Desenvolvimento da Cultura Empreendedora (UEDCE).

No final de 1996, foi criada a Sociedade Brasileira para Promoção da Exportação de Software - Sociedade SOFTEX, uma organização não-governamental cujo objetivo social é o de executar,

promover, fomentar e apoiar atividades de inovação e desenvolvimento científico e tecnológico de geração e transferência de tecnologias e notadamente de promoção do capital humano, através da educação, cultura e treinamento apropriados, de natureza técnica e mercadológica em tecnologia de software e suas aplicações, com ênfase no mercado externo, visando o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, através da inserção do país na economia mundial. (SOFTEX, 2008)

Em 1999, o Governo Federal lançou o programa Brasil Empreendedor, cuja meta inicial era a capacitação de mais de um milhão de empreendedores brasileiros na elaboração de plano de negócios visando à captação de recursos junto aos agentes financeiros do programa.

Em 2007, foi publicado o Relatório de Empreendedorismo no Brasil do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2007). Nesse documento aparecem os resultados do país, analisados sob vários aspectos relativos ao empreendedorismo, bem como sua comparação com outros países.

Segundo o relatório o Brasil apresentou uma TEA (Taxa de Empreendedores em Estágio Inicial) de 12,72. Isso quer dizer que de cada 100 pessoas, cerca de 13 desenvolviam alguma atividade empreendedora. De acordo com esse número podemos classificar o país como uns dos mais bem colocados do mundo em termos de atividade empreendedora.

Apresentamos abaixo a tabela que representa a evolução da atividade empreendedora por grupo de países.

Tabela 1 - Evolução dos empreendedores iniciais (tea) entre 2001 e 2007 por grupo de países

Grupo de Países/Países	Ano						
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	14,20	13,53	12,90	13,55	11,32	11,65	12,72
Membros do G7							
Reino Unido	7,80	5,37	6,36	6,19	6,22	5,77	5,53
Estados Unidos	11,61	10,51	11,94	11,33	12,44	10,03	9,61
Itália	10,16	5,90	3,19	4,32	4,94	3,47	5,01
Japão	5,19	1,81	2,76	1,48	2,20	2,90	4,34
França	7,37	3,20	1,63	6,03	5,35	4,39	3,17
BRIC*							
Rússia	6,93	2,52	-	-	-	4,86	2,67
China	-	12,34	11,59	-	13,72	16,19	16,43
Hong Kong	-	3,44	3,23	2,97	-	-	9,95
India	11,55	14,15	19,70	12,84	9,49	10,24	14,40
Sul-Americanos							
Uruguai	-	-	-	-	-	12,56	12,21
Venezuela	-	-	27,31	-	25,00	-	20,16
Argentina	11,11	14,15	19,70	12,84	9,49	10,4	14,40
Chile	-	15,68	16,87	-	11,15	9,19	13,43
Colômbia	-	-	-	-	-	22,48	22,7
Peru	-	-	-	40,34	-	40,15	25,89

Fonte: Pesquisa GEM 2007

Comparado aos países do G7 (exceto Canadá e Alemanha, que não participaram da pesquisa GEM 2007) o Brasil apresenta uma TEA superior a duas vezes a TEA média desse grupo de países, que é de 5,53.

Em relação ao BRIC*, composto por Brasil, Rússia, Índia e China, o país é o segundo colocado em termos de desempenho empreendedor. Porém analisando crescimento da renda per capita, percebemos que o Brasil não foi capaz de acompanhar o desempenho dos outros. A China lidera os países formados pelo BRIC, apresentando uma TEA de 16,43, o que significa que o número de chineses que desenvolvem alguma atividade empreendedora (mais de 200 milhões) é superior à própria população brasileira.

Em relação aos seus vizinhos, o Brasil é o penúltimo colocado, superando apenas o Uruguai. Já Peru, Colômbia e Venezuela apresentam uma TEA elevadíssima. Segundo a pesquisa GEM 2007, a razão de taxas tão altas possui relação com a menor complexidade da economia desses países. Nesse sentido, a atividade empreendedora estaria sendo estimulada em razão da escassez de postos formais de trabalho.

No entanto, cabe uma ressalva. Quando analisamos o sumário dos resultados da pesquisa GEM na Venezuela vemos que o bom desempenho desse país é atribuído ao comportamento empreendedor. O documento destaca aspectos culturais que valorizam a atividade empreendedora e reconhecem o empreendedor como uma pessoa de alto nível de status e respeito.

Os dados mostram que o cenário está mudando. Aos poucos o empreendedorismo ganha cada vez mais força na realidade brasileira. Nesses últimos anos, o Brasil apresentou uma TEA sempre superior a 10. Além disso, segundo os dados de 2007, o país ocupava a nona posição em termos de atividade empreendedora. Na tabela seguinte podemos observar a comparação dos índices brasileiros em relação aos demais países participantes.

Tabela 2 - Evolução da taxa de empreendedores iniciais (tea) brasileira em comparação com a média dos países participantes do gem de 2001 a 2007

Países	Ano							
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2001-2007
Países Participantes	8,65	6,49	6,98	6,47	6,39	6,07	6,82	6,84
Brasil	14,20	13,53	12,90	13,55	11,32	11,65	12,72	12,83

Fonte: Pesquisa GEM 2007

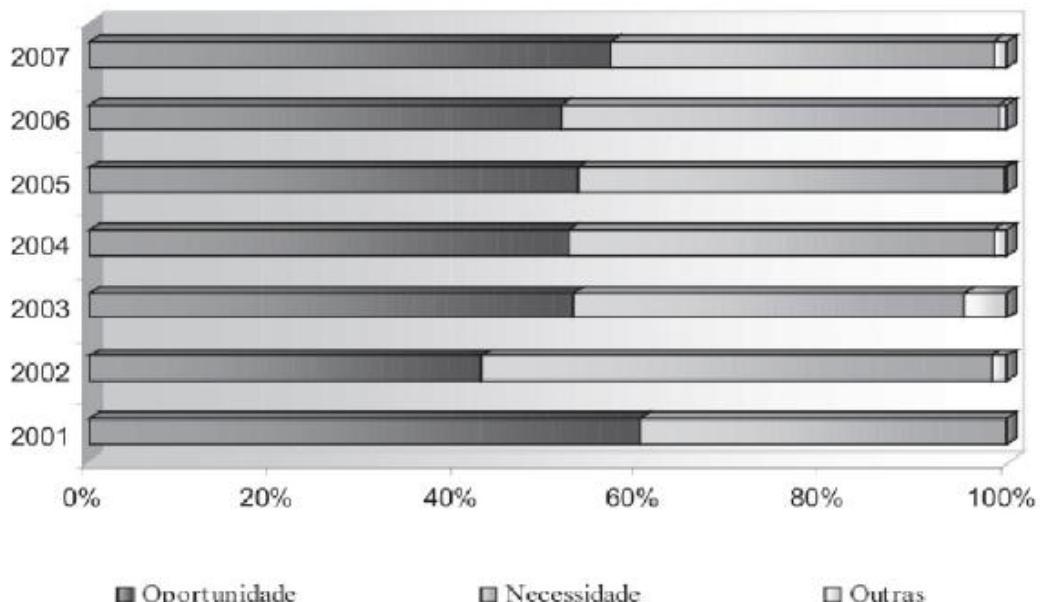
Outro importante fator a ser considerado é a motivação dos empreendimentos. Há duas classificações principais: empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade. A primeira diz respeito àqueles empreendimentos onde realmente foi identificada uma oportunidade de negócio e decidiu-se então empreender para explorá-la. Ao passo que a segunda classificação se refere a empreendimentos que surgiram não pela identificação de uma lacuna no mercado, mas sim pela falta de opções e necessidade de uma fonte de renda para sustento.

No gráfico a seguir, observa-se a evolução das proporções de empreendedores analisados por motivação. Podemos perceber que em 2001 o nível de empreendedores por oportunidade era

de cerca de 60%. Nos anos seguintes esse índice sofreu uma queda, em 2002 caiu para cerca de 43%. Isso se deve principalmente ao choque da economia mundial ocorrido na segunda metade do ano de 2001, o que fez crescer significativamente os empreendimentos por necessidade. No entanto, já em 2003, o Brasil inicia uma rápida recuperação e em 2007 volta a estar próximo dos 60%.

Todavia para se obter uma análise correta desses dados é necessária a inclusão de alguns critérios. O Relatório do GEM 2007 ressalva que o empreendedor genuinamente motivado por oportunidade é aquele que a persegue com o intuito de obter independência ou aumento de renda pessoal. Aplicando esse filtro os dados de 2007, isto é, os 56,8% de empreendedores motivados por oportunidade cairiam para 39%. Isso porque parte dos empreendedores indicou razões de busca pelas oportunidades diferentes da mencionada acima.

Figura 1- Evolução das proporções de empreendedores por motivação - Brasil - 2001 a 2007



Fonte: Pesquisa GEM 2007

O empreendedorismo e a capacidade de criação de novas empresas em um país estão intimamente ligados ao desenvolvimento econômico deste. Segundo SCHUMPETER, o empreendedorismo é visto como o motor da economia, o agente de inovação e mudanças capaz de desencadear o crescimento econômico do país. Porém, como afirma Cruz, para que haja um incremento no estímulo da atividade empreendedora é necessário à existência de um conjunto de valores sociais e culturais capazes de encorajar a criação de novas empresas.

Esses são alguns exemplos de programas voltados para o apoio de empreendedores no Brasil. E que são responsáveis pela divulgação da cultura empreendedora e pela sobrevivência de muitas jovens empresas. Ainda há outros como o Jovem Empreendedor, também do Sebrae, o Engenheiro Empreendedor da Universidade Federal de Santa Catarina, o Instituto ecobra, de apoio aos empreendedores das “.com” (empresas baseadas em Internet), a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores – ANPROTEC - dando apoio as incubadoras de empresas em todo o país, tendo ainda o curso de Empreendedorismo e Inovação da Universidade Federal Fluminense, que possui mais de 2000 alunos, além de algumas universidades e outros.

Apesar da existência de todas essas ações de incentivo aos empreendedores ainda há lacunas enormes que prejudicam a criação e principalmente o desenvolvimento dos novos empreendimentos. Essa lacuna está representada em grande parte pela assimetria entre os diversos atores responsáveis por contribuir para o fomento do empreendedorismo e da inovação.

Mais uma vez recorrendo à pesquisa Empreendedorismo no Brasil (GEM, 2007), vemos que quando perguntados sobre quem consultam ou de quem esperam receber orientações para iniciar ou administrar um negócio, os empreendedores predominantemente dizem contar com familiares ou amigos. O Sebrae recebeu 14% das citações, enquanto que a rede Senac/Senai/Sesc recebeu 6%, as faculdades 4% e o Governo e prefeituras apenas 3%.

Esses números indicam à distância entre os empreendedores e os organismos que poderiam auxiliá-lo na abertura e desenvolvimento de seus empreendimentos. É preciso que haja uma aproximação maior desses atores. O processo de inovação está intimamente ligado à interação entre Governo, Universidade e Empresas. A dinâmica da inovação depende da interação dessas três esferas e das relações que elas estabelecem.

Tabela 3 - Onde o empreendedor teve ou espera receber orientação para iniciar, abrir ou administrar o negócio - Brasil - 2007

ONDE	CITAÇÕES (%)
Familiares, amigos	35
Sebrae	14
Curso profissionalizante	11
Pessoas experientes na área	7
Senac/Senai/Sesc	6
Faculdade	4
Banco/Instituição financeira	3
Governo/Prefeitura	3
Outros	17

Fonte: Pesquisa GEM 2007

Os órgãos de apoio a essas ações possuem um papel importante, mas é preciso ir além. O empreendedorismo tem que estar presente desde o ensino de base, acompanhando os primeiros passos do discente rumo ao conhecimento. Com a proposta de fomentar nos indivíduos uma percepção de iniciativa, persistência e busca para que possam realizar seus objetivos. Assim como afirma Eder Bolson (2006), o ensino do empreendedorismo para crianças é fundamental, sendo o suporte para o início de uma mudança cultural integrada. Segundo o autor é preciso começar, desde tenra idade, a cultivar atitudes empreendedoras e mentes planejadoras nas pessoas.

Faz-se necessária uma atualização do nosso modelo educacional, pois o empreendedorismo precisa estar presente nele, e o que temos hoje está deveras ultrapassado.

A educação é o único caminho para criar uma sociedade mais empreendedora no Brasil. O processo é lento. O potencial empreendedor é enorme, mas está latente. É hora de criar novos motores para os negócios. É tempo de despertar os jovens para uma nova maneira de viver. É hora de formar uma nova geração de brasileiros. É tempo de disseminar essa educação desde o ensino fundamental, até o superior (BOLSON, 2006).

Em nosso país, tanto os cursos profissionalizante de 2º grau como os cursos universitários estão orientados, ainda, para a formação de candidatos a um emprego. O Brasil em comparação a países do 1º Mundo, que há duas décadas investem no ensino de empreendedorismo e na criação de empresas não só no âmbito universitário, mas também no ensino de 1º e 2º grau, está engatinhando. Iniciamos portanto os primeiros passos para melhorar este perfil (BUENO, 2002). O cenário mudou, mas os profissionais em geral e as escolas de ensino superior ainda não estão totalmente preparadas para esse novo contexto.

Precisamos de um ensino que dê ao estudante universitário ao menos uma base sobre o assunto, fornecendo informações que o possibilitem em algum momento de sua vida concretizar algum sonho, empreendendo, seja na vida pessoal ou profissional. Uma orientação nesse sentido se faz necessária independente do curso superior.

Sobre o atual estágio da educação empreendedora no país, a professora Rose Mary, durante a 16ª edição do IntEnt, observou que uma das grandes falhas do ensino superior é não investir e inserir a discussão sobre empreendedorismo em sala de aula e, tampouco, preparar os professores universitários para lidar com ela. "Poucas instituições apostam no empreendedorismo. Além disso, em muitos casos, ao tratar do tema, a discussão é feita de forma muito superficial", disse.

As teorias modernas que orientam os programas mais avançados de formação de empreendedores no mundo apregoam que é fundamental preparar as pessoas para aprenderem a agir e pensar por conta própria, com criatividade, com liderança e visão de futuro, para inovar e ocupar o seu espaço no mercado, transformando este ato também em emoção e satisfação.

O empreendedorismo em termos acadêmicos é um campo muito recente, com cerca de vinte anos, tendo aumentado muito a quantidade de cursos nessa área nos últimos tempos. DOLABELA (1999) enfatiza que em 1975, nos EUA, existiam cerca de cinqüenta cursos superiores. Dez anos depois haviam mais de mil, em universidades e escolas de segundo grau, ensinando e praticando o ato de empreender. As pesquisas nessa área são muito novas.

Qualquer curso de empreendedorismo deveria focar na identificação e no entendimento das habilidades do empreendedor, na identificação e análise de oportunidades, como ocorre a inovação e o processo empreendedor, na importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico; como preparar e utilizar um plano de negócios; como identificar fontes para o novo negócio; e como gerenciar e fazer a empresa crescer (DORNELAS, 2001).

Entrementes, a compreensão acerca da importância de uma educação empreendedora, independente do nível de ensino, seja fundamental ou superior, será o passo principal para a transformação da cultura brasileira, para que o potencial empreendedor dessa massa possa ser bem aproveitado, possibilitando desenvolvimento e crescimento da população e do país.

CONCLUSÃO

O estudo realizado dá ênfase ao ensino de empreendedorismo por achar que esse é um

caminho imprescindível para a transformação de um país. Não podemos ter a ilusão de que empreender nada mais é que um dom e por isso não pode ser aprendido.

Imagine, se o espírito empreendedor não fosse desenvolvido e todos quisessem trabalhar como colaboradores, não haveria desenvolvimento econômico significativo. Os empreendedores são capazes de dinamizar a economia. Ao iniciarem um empreendimento essas pessoas sabem que correrão riscos, mas essa é uma das principais características do empreendedor.

Entretanto, não são loucos e inconseqüentes, pois correm riscos calculados. E fazem isso porque sonham. Sonhos são a base para se construir um futuro e para melhorar o contexto em que vivemos. Não basta sonhar para ser um empreendedor, porém sem sonhar não é possível empreender.

Graças a esse tipo de atitude nascem empresas que possibilitam a inserção de diversas pessoas no mercado de trabalho. O empreendedor na verdade contribui para toda a sociedade.

Portanto, realizar o sonho do empreendimento próprio não representa uma conquista individual, mas sim coletiva. Sem a atitude empreendedora nosso país ficará cada vez mais distante de um amanhã

melhor, de uma nova realidade. Dessa forma a proposta desse *paper* é relatar a importância da difusão do ensino de empreendedorismo desde a infância até a universidade, não importando qual curso a pessoa esteja fazendo, qualquer indivíduo pode empreender. Limitar o ensino de empreendedorismo a cursos como administração e economia, é achar que somente os alunos pertencentes a esses cursos sonham, o que representa um ledo engano.

A abordagem realizada aqui não esgota o tema. Afinal a pretensão não era essa, mas sim promover a reflexão acerca da necessidade de mudança no nosso sistema educacional, buscando reunir um conjunto de informações necessárias para a compreensão do contexto atual e de como podemos modificá-lo. Dessa maneira, o empreendedorismo se tornou bastante abrangente, e envolve muitas outras características inerentes ao estado de espírito, cultura organizacional, fatores psicológicos, administrativos e econômicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLSON, Eder. **Educação Empreendedora**. Acessado em 02 de maio de 2008. Disponível em: http://www.administradores.com.br/artigos/educacao_empreendedora/786/ BUENO, Regina.

Ciência, Técnica e Arte. Acessado em 1º de maio de 2008. Disponível em: <http://www.riograndevirtual.com.br/columnas/internas/index.html?cod=480>

CRUZ, Carlos Fernando. **Os motivos que dificultam a ação empreendedora conforme o ciclo de vida das organizações. UM Estudo de caso: pramp's lanchonete.** Dissertação (pósgraduação em engenharia de produção) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2006.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor:** a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999a.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo:** transformando idéias em negócios. 2 ed,

Rio de Janeiro: Campus, 2001.

FERREIRA, Ademir Antônio. **Gestão Empresarial:** de Taylor aos Nossos Dias. São Paulo: Pioneira, 1997.

FILGUEIRAS, Luiz. **O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico.** En publicación: *Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales.* Basualdo, Eduardo M.; Arceo, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto 2006.

HISRICH, R. D. **Empreendedorismo.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

KRUGER PASSOS, Carlos Artur et al. **GEM Brazil 2007 Report - Empreendedorismo no Brasil, 2008.**

MARIANO, Sandra R.H. **Empreendedorismo e inovação:** criatividade e atitude empreendedora / Sandra R.H. Mariano; Verônica Feder Mayer. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008.

SCHUMPETER, J.A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico.** São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SEBRAE. *História do Sebrae.* Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/customizado/sebrae/institucional/quem-somos/historico>>. Acessado em: 15 nov. 2008.

SOFTEX. *Histórico.* Disponível em: <http://www.softex.br/_asoftex/historico.asp>. Acessado em: 16 nov. 2008.